

## **MEMÓRIA, POLÍTICA E ESTÉTICA NO FILME “O DIA DE JERUSA”**

**Anelise de Freitas**

Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF  
anelisedefreitas@gmail.com

O curta-metragem brasileiro “O dia de Jerusa” (2014), dirigido e roteirizado pela baiana Viviane Ferreira, e estrelado pelas atrizes Léa Garcia e Débora Marçal, é o objeto de análise dessa proposta de comunicação. O filme retrata um dia especial na vida da dona de casa Jerusa (Léa Garcia), que se prepara para passar o dia de seu aniversário de 77 anos sozinha; nesse dia, ela acaba recebendo em sua casa antiga uma pesquisadora, Sílvia (Débora Marçal), que busca otimizar no menor espaço de tempo possível várias entrevistas de opinião para uma marca de sabão em pó. O encontro entre essas duas mulheres negras, uma mais castigada pela ação do tempo, Jerusa, e a outra mais jovem mas igualmente castigada pelo racismo cotidiano brasileiro, Sílvia, nos propõem uma reflexão sobre política (gênero, raça e classe) e estética (o filme atuando como esse objeto de sensibilidade). Há, ao menos, dois eixos de leitura para esse filme. O primeiro tem a ver com a memória da personagem principal, que busca descrever seu dia e as memórias daquela casa. E um segundo, que seria justamente “o dia d”, o dia em que Sílvia chega para atuar como um rito de passagem no encontro daquelas duas mulheres negras e chamando o filme para uma discussão sobre gênero, raça e classe. Através da teoria decolonial busco discutir sobre a subjetividade e a solidão do corpo da mulher negra, que na gestualidade de Jerusa demonstra sua solidão e ostracismo; a memória banzeira; a identidade que se dá no encontro entre as duas mulheres; a aceção estética do espaço da casa para a mulher negra que tem nesse espaço seu território e sua solidão.

Palavras-chave: Cinema brasileiro. Decolonialidade. Memória. Política. Estética.